

Apresentação

NOME DE AUTOR/NOME DE POÉTICA

ESTAS POÉTICAS NESTES AUTORES TANTOS

OU ESTES AUTORES NESTAS POÉTICAS TANTAS

Como uma *poética* pode dar substância efetiva a uma obra? Por outro prisma, como uma obra, seja ela canônica ou não, ou que queira banir o cânone, enfim, como a partir de um (in)seguro número de dados, uma (possível) *poética* insinua-se na obra, no texto ou, como queira Barthes, nesse tecido cheio de espaços em branco, “cartilagem de deslizos” que de uma forma ou de outra inviabiliza e, ao mesmo tempo, possibilita, a leitura de uma *poética*? Este décimo número da revista Contexto tenta, de forma analítica, responder a essas questões, percorrendo alguns caminhos tortuosos das *poéticas* de diversos autores, sobretudo, da modernidade.

Em palavras outras: o que o leitor vai encontrar adiante, de modos diversos, nas duas seções da revista é a crítica fecunda do texto, o labor analítico na infinita tentativa de desnudar seja o que se vem chamando de uma “*poética*”, seja o componente mínimo desta (possível) *poética*, tendo a modernidade como *traço visível* de todos os textos.

É na modernidade que a construção do texto literário começa por perseguir, antes de tudo, seu próprio e fundamental sentido enquanto *máquina poética*, arcabouço invisível que propicia a forma e, como pensava Goldmann, a *fôrma*, a alma deste emaranhado de subjetividades inconclusas que se encobrem e se descobrem, num processo sensual de significação e ressignificação.

A modernidade tematizou, desde seus albores, aquilo que foi sua marca: a construção de *poéticas* e, por tabela, a invenção do autor como figura central e personagem de uma *poética*. Desta forma, a aquilo que atende e chamamos pelo nome de, por exemplo, *Julio Cortazar*, além de um nome inscrito no cânone de uma certa literatura, é sobretudo uma possibilidade de uma *poética*: formas de tornar possível aquilo que se dá no imprevisível, na insustentável invisibilidade, mas pesada e latejante, da produção que se espalha misteriosa diante dos olhos do leitor. Por outro lado, se todo texto é também feito de espaços em branco, de lugares de deriva, lugares em que o leitor precisa estabelecer-se, o que o leitor

moderno passa a perceber é que desvendar esta possível poética é centrar-se na fala ininterrupta do texto. Quer dizer: um texto só se dá nas sucessivas leituras e desleituras que possibilita, na novidade fecunda e imprevisível de cada contato com suas linhas de fuga e seu sentido sempre escorrendo pela mão ávida de cada época e de cada analista, sendo este aquele que escuta e, de forma produtiva, participa do texto, reinscrevendo nele a possibilidade infinita de sua autoria.

Pense-se novamente em Julio Cortazar e seu romance-montagem, *Rayuela (o jogo da amarelinha)*. Ora, Cortazar, em sua *poética*, inseria deliberadamente o leitor para que pulasse fora da letargia secular e de sua passividade. Se pensarmos no Machado e a desleitura/releitura infinita de sua *poética* que se faz a cada geração de novos leitores-autores e, ainda, no Guimarães Rosa e sua absoluta imprevisibilidade e atualidade deste “ovo coberto de palavras”, (para não esquecermos Clarice Lispector), veremos o quanto na modernidade todo *nome de autor é também nome de poética*, de uma máquina produtora de fluxos, textos e subjetividades incessantes.

A modernidade e todos esses nomes de autores dá-se exatamente nesta prática inconsútil da leitura e produção incessante de poéticas ou autores que se desfazem da autoria para, mais adiante, novamente como autores, reinventarem a *máquina poética*.

Os exercícios analíticos deste número da Revista Contexto recolocam em circulação esse compromisso da reinvenção de poéticas e seu (im)possível desnudamento a cada momento.

Na primeira parte da revista, o leitor encontrará estudos sobre três autores fundamentais do espaço literário latino-americano: Machado de Assis, Guimarães Rosa e Julio Cortazar e, na segunda seção, poderá percorrer uma gama variada de trabalhos que, estudam sob prismas diversos o fenômeno do texto literário, seja do ponto de vista da história, da filosofia, da antropologia e de outros sistemas que ao texto se voltam, não como ferramentas, mas como tentativas (in)certas de desvendamento do texto e seus produto (in)constante de poéticas.

A leitura deste número da Contexto estimula mais uma vez o leitor ao exercício destas poéticas nestes autores tantos ou destes autores tantas nestas poéticas.